



União Europeia

a folha

Boletim da língua portuguesa
nas instituições europeias

N.º
78

verão de 2025



a folha

O boletim da língua portuguesa nas instituições europeias reúne contributos de natureza variada que têm como ênfase as dificuldades com que se veem confrontados os autores ou tradutores de textos em português e as soluções propostas para as superar. Procura-se estudar, desenvolver e divulgar a língua portuguesa sem prejuízo das normas redigidas pelas instituições a que pertence o boletim.

Exoneração de responsabilidade: Os textos incluídos são da responsabilidade dos autores, não refletindo necessariamente a opinião da Redação nem das instituições europeias. A Redação é responsável pela linha editorial d'«a folha», cabendo-lhe decidir sobre a oportunidade de publicação dos artigos propostos.

Redação:

Ana Luísa Faria (Conselho); José Pedro Ferreira (Comissão); Victor Macedo (CESE-CR); José António Mesquita (PE); António Raúl Reis (Serviço das Publicações)

Grupo de apoio:

Álvaro Carvalho (Comissão); Paulo Correia; Sérgio Ferreira Cardoso (Comissão); Susana Gonçalves (Comissão); Manuel Leal; Hilário Leal Fontes (Comissão); Daniela Ramalho da Silva (PE); Joana Seixas (CESE-CR)

Paginação:

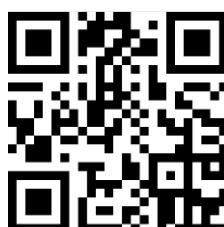
Susana Gonçalves (Comissão)

Correspondência e assinaturas:

dgt-folha@ec.europa.eu

Edição eletrónica:

<https://op.europa.eu/webpub/dgt/afolha/pt/>



ISSN 1830-7809

© União Europeia, 2025



Salvo indicação em contrário, a reutilização dos conteúdos deste boletim é autorizada ao abrigo da licença «Atribuição 4.0 Internacional (CC BY 4.0)» da Creative Commons (<https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/>), o que significa que a reutilização é autorizada desde que seja feita uma menção adequada da origem do documento e que sejam indicadas eventuais alterações.

Para qualquer utilização ou reprodução de elementos que não sejam propriedade da União Europeia, pode ser necessário obter autorização diretamente junto dos respetivos titulares dos direitos.

Índice

QUEM TEM MEDO DA VARIAÇÃO LINGUÍSTICA NAS ESCOLAS? — <i>Catarina Rosa</i>	2
USOS MÚLTIPLOS — <i>Jorge Madeira Mendes</i>	4
UM APARTE À PARTE (XVIX) — <i>Jorge Madeira Mendes</i>	6
SÍRIA — APONTAMENTOS PARA FICHA DE PAÍS — <i>Paulo Correia</i>	7
IRÃO — APONTAMENTOS PARA FICHA DE PAÍS — <i>Paulo Correia</i>	13

AVISO AOS LEITORES

A partir do n.º 77 — primavera de 2025, «a folha» passou a estar alojada no portal do Serviço das Publicações da União Europeia, na página Web do boletim, com acesso a todos os números publicados. Esta mudança trouxe consigo algumas novidades gráficas, para as quais contámos com a ajuda da Unidade de Comunicação da Direção-Geral da Tradução da Comissão Europeia, a quem agradecemos a colaboração de longa data. Também gostaríamos de agradecer ao Serviço das Publicações da União Europeia a disponibilidade para acolher o nosso boletim.

Quem tem medo da variação linguística nas escolas?

Catarina Rosa
Professora de Português

[artigo publicado originalmente no *Jornal de Monchique*, n.º 500, 27 de julho de 2025]

De acordo com dados do *Ethnologue* para 2025⁽¹⁾, estima-se que o português seja falado por cerca de 266 milhões de falantes. Para além dos falantes nativos, há também aqueles para quem a aprendizagem da nossa língua é uma escolha, por vezes como veículo de acesso à extensa biblioteca lusófona, que apaixona leitores por todo o mundo. No entanto, a frequente (e justificada) vanglória acerca da presença global da língua portuguesa ignora o facto de mais de 190 milhões desses falantes serem, na verdade, brasileiros, seguindo-se, em termos numéricos, os falantes das distintas variedades faladas em África. O pluricentrismo do português, que, a meu ver, é uma das suas características mais belas, permitindo-lhe transmitir saberes e histórias de várias culturas, tem sido cada vez mais alvo de preconceito no nosso país, começando por um espaço que se quer democrático e inclusivo: a escola.

As escolas portuguesas são atualmente espaços de acentuada diversidade linguística, situação amplamente espelhada em interações dentro e fora da sala de aula. Para além de diferentes línguas, coexistem também variedades linguísticas do português: em 2020/2021, dos alunos estrangeiros matriculados no ensino básico e no ensino secundário, 46,5% eram brasileiros e 23,3% advindos dos PALOP. Paralelamente, somos confrontados com cada vez mais situações nas quais as variedades do português destes alunos são percecionadas como inferiores. Se, por um lado, os documentos orientadores da disciplina de Português incluem autores brasileiros e africanos, por outro, a única norma aceite nos exames nacionais é a europeia. São relatadas em debate público situações vergonhosas, como terapeutas da fala que aceitam pacientes para lhes «corrigir» a pronúncia brasileira, como se de uma perturbação da linguagem se tratasse.

Em 1845, no *Código do Bom Tom*⁽²⁾, José Inácio Roquete escrevia o seguinte: «É muito frequente entre a gente ordinária de Lisboa mudar o E em A nalgumas palavras: dizem Panha, Lanza por Penha, Lenha.» O seu discurso preconizava o objetivo de combater aquilo que considerava «defeitos de pronunciação e vícios de linguagem» que, apesar de «mais frequentes entre os provincianos», encontrava também na capital. A língua, como se vê, está em constante mudança, e nem mesmo a norma padrão (a variedade de prestígio numa determinada comunidade linguística) está isenta desta sina: certos traços linguísticos atualmente tidos como marginais foram em tempos considerados mais corretos.

Do ponto de vista linguístico, não há variedades mais corretas. É importante combater a ideia errónea de que o português falado em Portugal é «melhor» do que as restantes variedades. No entanto, é certo que o acesso à norma padrão é também o objetivo da escola, uma vez que concede aos alunos mais oportunidades na sociedade, e, em Portugal, segue-se a norma padrão europeia, que não é igual à(s) do Brasil, por exemplo. Já em 1997, Inês Sim-Sim⁽³⁾ e colegas afirmavam que «A única forma de prevenir que razões sociolinguísticas conduzam ao insucesso escolar e, no futuro, à sua discriminação e exclusão, é a escola garantir que todos os alunos acedam à língua padrão e a dominem de modo a poder usá-la fluente e apropriadamente», ideia que foi sendo corroborada por diversos linguistas. O acesso à norma europeia, porém, pode e deve ser feito em simultâneo com a valorização das variedades nativas dos alunos; até porque, como vimos, a norma padrão também não é estanque e poderá vir a refletir o fluxo migratório a que estamos a assistir.

⁽¹⁾ Eberhard, D. M., Simons, G. F., Fennig, C. D. (eds.), *Ethnologue: Languages of the world*, «What are the top 200 most spoken languages? The Ethnologue 200», 2025, <https://www.ethnologue.com/insights/ethnologue200/>.

⁽²⁾ Roquete, J. I., *Código do Bom Tom ou Regras da Civilidade e de Bem Viver no XIXº Século*, Internet Archive, <https://archive.org/details/codigodobomtom00roqu/page/n9/mode/2up>.

⁽³⁾ Sim-Sim, I., Duarte, I., Ferraz, M. J., *A Língua Materna na Educação Básica: Competências Nucleares e Níveis de Desempenho*, Ministério da Educação: Departamento do Ensino Básico, 1997, https://www.dge.mec.pt/sites/default/files/Basico/Metas/Portugues/linguamaterna_simsim.pdf.

Vários autores têm sugerido uma abordagem didática que invoque exemplos linguísticos e autênticos para a sala de aula, no sentido de demonstrar a variação inerente a todas as línguas. Para ensinar processos fonológicos, ao invés de recorrer a exemplos diacrónicos, as variedades linguísticas dos alunos podem ser convocadas para o centro da aula: numa perspetiva contrastiva entre o português do Brasil e o português europeu, é possível trabalhar, entre outros, a palatalização e a epêntese. No domínio da sintaxe, o professor pode promover a observação e a reflexão sobre diferenças na colocação de pronomes átonos em diferentes variedades. As opções são múltiplas e permitem dotar os alunos de flexibilidade e poder linguísticos, sociais e identitários.

A possibilidade de contacto com diferentes línguas e variedades linguísticas é uma oportunidade única para miúdos e graúdos. Surge, claro, de mãos dadas com desafios para o professor, mas que em nenhuma medida ultrapassam os benefícios culturais e linguísticos de ter colegas e amigos que nos dão a conhecer o mundo. Nos eventos a que assisti em que o tema da variação nas escolas foi abordado, bem como em conversas informais com colegas, houve no discurso dos professores urgência em arranjar uma solução clara e inequívoca para estes desafios. Sucedeu que a solução, como acontece frequentemente com questões pedagógicas e científicas, não é única, nem estanque; terá de resultar de um compromisso do professor em acompanhar os desenvolvimentos científicos sobre esta matéria⁽⁴⁾ e adaptá-los ao contexto da(s) sua(s) sala(s) de aula(s), norteado sempre pelo essencial: a escola pública é de todos e para todos.

catarinaflorduarte@gmail.com



⁽⁴⁾ Para uma reflexão mais profunda e cientificamente sustentada sobre a variação linguística nas escolas portuguesas, aconselha-se a leitura do n.º 12 da *Revista da Associação Portuguesa da Linguística*, disponível online em acesso aberto, <https://doi.org/10.26334/2183-9077/rapln12ano2025td>.

Rosa, C. F. D., «Promoção da consciência para a variação linguística nas aulas de língua materna», *Revista da Associação Portuguesa da Linguística*, n.º 12, 2025, <https://doi.org/10.26334/2183-9077/rapln12ano2025a5>.

Especificamente acerca da discriminação com base no sotaque, o projeto europeu CIRCE (Combater as Práticas de Discriminação Baseada no Sotaque na Educação) tem desenvolvido um trabalho de divulgação notável, acessível através da sua página de Instagram (@circeprojecteu) e na Web <https://www.circe-project.eu/pt/home-pt>.

Para sugestões didáticas, recomenda-se o livro *Teaching Language Variation in the Classroom: Strategies and Models from Teachers and Linguists*, por M. D. Devereaux e C. C. Palmer (eds.), Routledge, 2019, ISBN 9781138597952.

Usos múltiplos

Jorge Madeira Mendes
Antigo funcionário da Direção-Geral da Tradução — Comissão Europeia

Uma abundância pode ser apontada pelo prefixo dissilábico «multi-». Teremos, deste modo, «multimilionários» (indivíduos com abundância de riqueza expressa em milhões); «multiplicações» (acrécimos repetidos de grandezas determinadas); «multiangular» (figura geométrica com um número considerável de ângulos); «multidão» (quantidade profusa de elementos de determinada natureza).

Quando, por exemplo, a profusão se refere à utilização de uma infraestrutura, falamos de «usos múltiplos». Procuremos então a grafia correta da palavra que se obterá fazendo anteceder «uso(s)» do dito prefixo «multi-».

Segundo os dicionários Porto Editora⁽¹⁾ e Priberam⁽²⁾ e o Vocabulário Ortográfico do Português (VOP)⁽³⁾, a forma correta será «multiúso(s)». Consideram estas autoridades que as vogais «i» e «u» formam um ditongo cuja semivogal será o primeiro fonema vocálico (o representado pela letra «i»), o que obriga à colocação de um acento gráfico (agudo) na vogal (o fonema representado pela letra «u»). Tratar-se-á, pois, de um ditongo crescente.

Contesto a analogia, que se avança como argumento, com as palavras «miúdo/a(s)» e «amiúde». Estas duas evoluíram a partir de *menudo*, por síncope e vocalização do fonema «n». Já na aglutinação de «multi» + «usos», a nova palavra tem a seguinte divisão silábica: mul-ti-u-sos — ou seja, as vogais «i» e «u» leem-se separadamente, não formando um ditongo (yu) como se considera ocorrer no suposto dissílabo «miúdo» (divisão silábica: miu-do); a verdade é que a palavra «miúdo» não resulta da aglutinação de «mi» + «udo».

Importa ter em conta que duas vogais contíguas nem sempre formam um ditongo (seja ele crescente ou decrescente). Por exemplo, na palavra «reiterar» (voltar a «iterar»), a divisão silábica correta é re-i-te-rar: as vogais representadas pelas letras «e» e «i» leem-se separadamente, não formando um ditongo (que seria decrescente: ey), embora muitos assumam, erroneamente, que a divisão silábica é rei-te-rar⁽⁴⁾.

A acentuação das palavras em português não é uma questão pacífica e absolutamente consensual. Se é certo que os acentos são frequentemente imprescindíveis para a pronúncia correta das palavras⁽⁵⁾ (com efeito, «aí caí» não é o mesmo que «ai cai», «o país» não é o mesmo que «os pais», «o capítulo» não é o mesmo que «eu capítulo» e a palavra «cágado» carece impreterivelmente de acento agudo na primeira sílaba), não menos certo é que se suprimiram acentos gráficos, designadamente o circunflexo e o grave (hoje restrito às palavras «à» e «às»), cuja existência se justificava bem mais do que o acento na palavra «multiúso(s)» ou mesmo nas palavras «miúdo» ou «iúca»⁽⁶⁾.

É praticamente impercetível a diferença de pronúncia entre «multiúso(s)» e «multiuso(s)», entre «miúdo» e «miudo» ou entre «iúca» e «iuca». Em contrapartida, por via da supressão de acentos gráficos, tornaram-se homógrafas palavras que são indiscutivelmente heterófonas. Exemplifico a seguir frases em cada uma das quais ocorrem duas palavras que, apesar de não homófonas, passaram a ter a mesma grafia como consequência da supressão de acentos:

⁽¹⁾ Porto Editora, *Infopédia: Dicionários*, <https://www.infopedia.pt/>.

⁽²⁾ Priberam, *Dicionário Priberam da Língua Portuguesa*, <https://dicionario.priberam.org/>.

⁽³⁾ Portal da Língua Portuguesa, *Vocabulário Ortográfico do Português*, <http://www.portaldalinguaportuguesa.org/?action=vop&page=info>.

⁽⁴⁾ Cf. Mendes, J. M., «Acordo ao Acordo», *a folha* n.º 30 — verão de 2009,

https://ec.europa.eu/translation/portuguese/magazine/documents/folha30_pt.pdf.

⁽⁵⁾ Cf. Mendes, J. M., «Acentos, para quê?», *a folha* n.º 74 — primavera de 2024, https://ec.europa.eu/translation/portuguese/magazine/documents/folha74_pt.pdf.

⁽⁶⁾ Planta ornamental do género *Yucca*.

eu *segredo* um *segredo*
eu *exagero* com grande *exagero*
eu *reforço* esta parede e a casa fica com um bom *reforço*
eu *almoço* à hora de *almoço*
eu *topo* tudo no *topo*
eu *retorno* àquele lugar, seguindo a lei do *retorno*
eu *choro*, por isso se ouve grande *choro*
eu *princípio* tudo pelo *princípio*
e *inicio* as coisas pelo *início*
também *começo* tudo pelo *começo*
e é um belo *recomeço* quando eu tudo *recomeço*
conheço de *cor* aquela *cor*
só tem *interesse* o filme que se *interesse* pela vida
pega aí a *pega*, que fugiu da gaiola
ora *coma*, se não quer entrar em *coma*
tu *deste* exemplos *deste* sintoma
vós *destes* pela ocorrência *destes* temporais
agradecia que me *desse* um pouco *desse* bolo
melhor seria que *desses* aos outros alguns *desses* prazeres
empresários com *sede* no deserto arriscam-se a passar *sede*
meta o acelerador a fundo, para chegar depressa à *meta*

Mais grave é haver também defensores das ortografias «Burundi», «somali» e «azeri», quando a pronúncia deste topónimo e destes gentílicos impõe as ortografias «Burúndi», «somáli» e «azéri»⁽⁷⁾.

Defendo, em conclusão, a grafia «**multiuso(s)**».

jorge.mendes909@gmail.com



⁽⁷⁾ Com efeito, as regras ortográficas do português dizem que, salvo acentuação gráfica em sentido contrário, um «i» final precedido de consoante é sempre tónico. Note-se que a frase «aqui e ali há um javali» não se pronuncia /áqui e áli há um javáli/. Por conseguinte, «Burundi» remete para a pronúncia /Burundi/, «somali» remete para a pronúncia /somali/, «azeri» remete para a pronúncia /azeri/, como se de palavras agudas se tratasse. Ora, se estas palavras se pronunciam /Burundi/, /somali/ e /azeri/ (isto é, se elas são graves), é forçoso colocar um acento gráfico na vogal tónica: «Burúndi», «somáli», «azéri».

Um aparte à parte (XVIX)

Jorge Madeira Mendes

Antigo funcionário da Direção-Geral da Tradução — Comissão Europeia

Não escreva «inclusivé» nem «inclusivè» — escreva «inclusive».

Mas não pronuncie /inclusiv/ — pronuncie /inclusívè/.

Explicação:

Mau grado a grafia consagrada, a palavra «inclusive» é uma palavra grave (ou paroxítona) cuja última sílaba é aberta (embora obviamente não tónica, de contrário tratar-se-ia de uma palavra aguda ou oxítona).

O facto de ser uma palavra grave (paroxítona) significa que a tónica recai na penúltima sílaba (inclusive). E o facto de a última sílaba (-ve) ser aberta, embora obviamente não tónica, significa que a vogal final «e» é aberta (-è) sem que nela recaia a tónica, porquanto, como disse, esta recai na penúltima sílaba (-si-).

Importa, aliás, salientar que «vogal aberta» não é necessariamente «vogal tónica». Exemplo: na palavra «esquecer», a segunda vogal «e» é aberta (pronuncia-se /è/), mas não é tónica, porquanto o tom está na vogal da sílaba final (esquecer). E, por outro lado, «vogal fechada» não é necessariamente «vogal átona». Exemplo: na palavra «cada», a primeira vogal «a» é fechada (pronuncia-se /ã/), mas é tónica, porquanto é nela que recai o tom (cada).

jorge.mendes909@gmail.com



Síria — apontamentos para ficha de país

Paulo Correia

Antigo funcionário da Direção-Geral da Tradução — Comissão Europeia

[Com a colaboração de Luís Miguel Costa, antigo funcionário da Direção-Geral da Tradução — Comissão Europeia]

Da cidade de Damasco em a Terra Santa, pelos mouros chamada o Xame, e Bextidunia, que em nossa língua quer dizer «paraíso terreal»

A cidade de Damasco é muito grande e mui notável cidade, e de mui grosso povo, como cabeça do reino. Tem em si muitas cercas e divisões de edifícios e paredes, uns chegados a outros, e de muitos pomares entremetidos pela cidade. Está situada para a banda do oriente, donde a cerca uma serra, de que está afastada uma jornada de caminho para a banda do poente. Da qual serra vêm dois rios, um afastado do outro, que a tomam em meio. É terra muito viçosa de água e de muitos arvoredos, aciprestes e álamos, e de árvores de espinho, terra de muito trato. Os habitadores são cristãos e mouros que têm a língua árabe.

Itinerário da Índia por Terra a Este Reino de Portugal⁽¹⁾

Nestes apontamentos para ficha de país reúne-se informação terminológica relativa à Síria, sobretudo de toponímia, etnonímia e religionímia⁽²⁾, que se encontra dispersa em vários documentos normativos ou de referência das instituições europeias. São apresentadas propostas de aportuguesamento, devidamente justificadas, por oposição à simples reprodução de transliterações inglesas (ou francesas) comum em muitas traduções.

O **árabe** (ar), língua do ramo semita, é a língua maioritária e a única oficial da Síria. No entanto, ao nível regional ou comunitário, o árabe convive com outras línguas, como o curdo (língua do ramo iraniano), o arménio ou o aramaico (língua do ramo semita).

REPÚBLICA ÁRABE SÍRIA (IATE: 861176)

CAPITAL: Damasco

GENTÍLICO/ADJETIVO: sírio(s)/síria(s)

MOEDA: libra síria

SUBDIVISÃO: piastra

Principais cidades:

Damasco, Alepo, Hamá, Hómece

Serras:

Antilíbano⁽³⁾ (monte Hérmon, 2814 m), montes Drusos (1803 m); montes Alauitas (1562 m); monte Turcomano (580 m)

Desertos:

Sírio

Rios:

Eufrates, Tigre, Orontes, Jordão

Mares:

Mediterrâneo

Subdivisões administrativas

Oficialmente, a Síria divide-se em 14 províncias, 61 distritos e 281 subdistritos.

#	ar	pt	fr	en	IATE
14	محافظة	província	gouvernorat	governorate	797119
61	منطقة	distrito	district	district	
281	ناحية	subdistrito	sous-district	subdistrict	

⁽¹⁾ Em 1525, António Tenreiro atravessou a Síria de norte para sul, passando por Alepo, Hamá e Damasco. Cf. Tenreiro, A., *Itinerário da Índia por Terra a Este Reino de Portugal*, Livros de Bordo, junho de 2020, ISBN 978-989-54554-1-6.

⁽²⁾ Religionímia será mais compreensível, mas **trisquionímia** seria mais coerente com a terminologia da onomástica, que usa sistematicamente o étimo grego.

⁽³⁾ Cf. Antiatlas, Transimalaia.

Províncias

O nome das províncias sírias coincide com o nome da sua cidade capital. Exceção: província de Damasco Rural, capital Damasco.

ISO 3166	ar	pt	fr	en
SY-LA	اللاذقية	Latáquia ⁽⁴⁾	Lattaquié	Latakia
SY-ID	إدلب	Idlibe	Idlib	Idlib
SY-HL	حلب	Alepo	Alep	Aleppo
SY-RA	الرقة	Raca	Raqqa	Raqqa
SY-HA	الحسكة	Haçaca ⁽⁵⁾	Hassaké	Al-Hasakah
SY-TA	طرطوس	Tartuce ⁽⁶⁾	Tartous	Tartus
SY-HM	حماء	Hamá	Hama	Hama
SY-DY	دير الزور	Dir Ezor ⁽⁷⁾	Deir ez-Zor	Deir ez-Zor
SY-HO	حص	Hómece ⁽⁸⁾	Homs	Homs
SY-DI	دمشق	Damasco	Damas	Damascus
SY-RD	ريف دمشق	Damasco Rural	Rif Dimachq	Rif Dimashq
SY-QU	القنيطرة	Cuneitra ⁽⁹⁾	Qouneitra	Quneitra
SY-DR	درعا	Dará	Deraa	Daraa
SY-SU	السويداء	Sueida ⁽¹⁰⁾	Soueïda	Al-Suwayda

No entanto, como resultado da guerra civil, uma parte significativa do território passou a escapar ao controlo efetivo das autoridades de Damasco, existindo regiões dominadas por movimentos armados ou sob ocupação estrangeira.

⁽⁴⁾ **Latáquia** parece preferível a Lataquia, Cf. Antália, Antáquia (antiga Antioquia). O *Dicionário Onomástico Etimológico da Língua Portuguesa*, de José Pedro Machado, regista Lataquia e Laodiceia.

Israel hoje atacou 150 locais, incluindo o porto de **Latáquia**. Os russos têm lá uma base, *CNN Portugal*, 9.12.2024, <https://cnnportugal.iol.pt/videos/israel-hoje-atacou-150-locais-incluindo-o-porto-de-lataquia-os-russos-tem-la-uma-base/675743940cf28c51602e44b4>.

⁽⁵⁾ **Haçaca** parece preferível a Hassaca, de acordo com a tradição ortográfica do português para termos com origem no árabe. Cf. السُّكَر — açúcar; — السُّقَط — açafate; Faiçal; Huçine; Baçorá, Mombaça, Moçambique.

⁽⁶⁾ **Tartuce** parece preferível a Tartus, mantendo três sílabas. O *Lello Universal* regista Tortosa.

Eu nasci no Rio de Janeiro, dia 9 de setembro de 1953. Meus [pais] eram imigrantes sírios, o meu pai chegou em 1932 e minha mãe chegou em 1948. Ele foi buscá-la e voltou com ela em 1948. Eles são da região do **Tartuce**, nas montanhas dos Alauitas.

Museu da Pessoa, «Anísio Taher Khader: Paixão pela filatelia», <https://museudapessoa.org/historia-de-vida/paix-o-pela-filatelia/>.

Waldomiro **Tartuce** 16/01/1961 a 31/01/1963 De acordo com informações escritas colhidas junto à família, graças ao apoio do médico Paulo Tartuce, filho de Nicolau Tartuce, irmão de Waldomiro, esse sobrenome expressa aportuguesamento de “Tartuss” ou “Tartus”, cidade portuária da **Síria**, nas proximidades do Líbano.

Câmara Municipal de Rio Verde, «Waldomiro Tartuce», <https://rioverde.go.leg.br/waldomiro-tartuce/>.

⁽⁷⁾ **Dir Ezor** parece preferível a Dir ez-Zor, de acordo com a tradição ortográfica do português para termos com origem no árabe.

Cf. azeite ou azulejo. Dir Ezor quer dizer algo como «Mosteiro dos Canaviais».

⁽⁸⁾ **Hómece** parece preferível a Homes, mantendo três sílabas, ou Homs, evitando a sequência «ms» inexistente em português. O *Dicionário Onomástico Etimológico da Língua Portuguesa*, de José Pedro Machado, regista Hems e Émeso.

⁽⁹⁾ **Cuneitra**

Os ataques atingiram posições militares nos arredores de Damasco e também na região sul de **Cuneitra**, perto dos Montes Golã ocupados por Israel

«Ataque israelita em território sírio provoca pelo menos dez mortos», *RTP*, 2.6.2019, https://www.rtp.pt/noticias/mundo/ataque-israelita-em-territorio-sirio-provoca-pelo-menos-dez-mortos_v1151545.

⁽¹⁰⁾ **Sueida**

Depois de, na semana passada, terem eclodido violentos confrontos entre milícias drusas e beduínas na região de **Sueida**, no sul da Síria, que causaram a morte de mais de mil pessoas e a deslocação de quase 130 mil outras, o grupo religioso foi lançado para a ribalta mundial.

Holyoke, G., «Exclusivo: quem são os drusos da Síria e porque estão a ser atacados?», *Euronews*, 23.7.2025, <https://pt.euronews.com/2025/07/23/exclusivo-quem-sao-os-drusos-da-siria-e-porque-estao-a-ser-atacados>.

Guerra civil

A guerra civil síria teve início em março de 2011, no contexto da chamada Primavera Árabe. Envolveu dezenas de fações, cruzando grupos étnicos, religiosos e políticos em alianças instáveis, com a participação direta ou indireta de potências mundiais ou regionais, e viu aparecer em 2014 o autodenominado Estado Islâmico.

Após a queda do anterior regime sírio, em dezembro de 2024, as **Forças Armadas Árabes Sírias** (FAAS), governamentais, e as milícias das Forças de Defesa Nacional (FDN), apoiadas pelo Hezbolá libanês, pró-iraniano, e pela Rússia (com duas bases, uma naval, em Tartuce, e outra aérea, em Hemeimim, na província de Latáquia), foram substituídas pelas novas **Forças Armadas Sírias** (FAS), constituídas em torno da **Organização de Libertação do Levante**⁽¹¹⁾ (OLL), descendente da jihadista Frente da Vitória do Povo do Levante (an-Nusra), as quais controlam o terço mais ocidental do território sírio. Os dois terços restantes do território estão repartidos entre:

- a Administração Autónoma do Norte e Leste da Síria (AANLS), a leste do Eufrates, dos curdos das **Forças Democráticas Sírias** (FDS), incluindo as internacionalistas Unidades de Proteção do Povo (UPP), em entendimento com forças americanas, que aí têm várias bases; ainda sob controlo curdo, uma faixa na margem direita do Eufrates (na zona de Raca e do lago Assade) e alguns bairros de Alepo;
- o que resta do **Estado Islâmico** (EI) ou Daexe, em zonas mais desérticas, esparsamente povoadas, a oeste do Eufrates;
- uma zona dos montes Drusos, ainda parcialmente controlada pela designada **Sala de Operações do Sul** (SOS);
- uma zona de ocupação turca, numa faixa descontínua ao longo da fronteira norte, controlada por forças turcas em conjunto com o **Exército Nacional Sírio** (ENS); inclui o túmulo de Solimão Xá⁽¹²⁾;
- uma zona de ocupação americana, em entendimento com o **Exército Sírio Livre** (ESL), que inclui uma zona de desconfílio⁽¹³⁾ em torno da base americana de al-Tanf;
- uma zona de ocupação israelita, que corresponde à quase totalidade da província de Cuneitra, no extremo sudoeste da Síria, incluindo os montes Golã (desde 1967) e o monte Hérmon (desde dezembro de 2024), controlada pelas designadas **Forças de Defesa de Israel**⁽¹⁴⁾ (FDI); a zona de ocupação israelita poderá brevemente estender-se até ao rio Eufrates, numa faixa, designada Corredor de David, ao longo de toda a fronteira sírio-jordana⁽¹⁵⁾; e
- uma zona-tampão⁽¹⁶⁾ ao longo do limite leste dos montes Golã, controlada pela **Força das Nações Unidas de Observação da Separação** (FNUOS), mas com a presença das FDI desde dezembro de 2024.

⁽¹¹⁾ Cf. OLP — Organização de Libertação da Palestina —, MPLA — Movimento Popular de Libertação de Angola.

⁽¹²⁾ Salomão e Solimão (ou Soleimão) são aportuguesamentos do mesmo nome nas suas versões hebraica e árabe. Solimão Xá era, segundo a tradição, o avô de Osmão I (ou Osmã I, ou Otomão I), fundador da dinastia otomana. O túmulo de Solimão Xá é propriedade da Turquia, embora fique situado em território sírio, num exclave sob soberania turca.

⁽¹³⁾ zona de desconfílio (en: *deconfliction zone*)

Zona com restrições coordenadas nos movimentos e ações militares de diferentes forças, estabelecida para minimizar o risco de confrontos, escalada de tensões ou incidentes não intencionais.

Cf. desconfílio — 1. conjunto coordenado de ações desenvolvidas com vista a evitar a interferência ou o confronto entre diferentes meios ou forças numa mesma área operacional; 2. [por extensão] esforço para reduzir tensões ou eliminar riscos de conflito. <https://www.infopedia.pt/dicionarios/lingua-portuguesa/desconfílio>.

Cf. desconfliualização — Coordenação entre forças militares que intervêm na mesma área a fim de evitar interferências entre as respetivas operações. <https://iate.europa.eu/entry/result/925237/pt-en-fr>.

⁽¹⁴⁾ Nos textos franceses é comum a utilização de Tsahal, do acrônimo hebreu תַּשָּׁהַל (Tsva ha-Haganah le-Israël).

⁽¹⁵⁾ O corredor de David liga Israel aos territórios curdos e dá ao Azerbaijão, via corredor de Zanguezur. O corredor de Zanguezur, no sudeste da Arménia, ao longo da fronteira iraniana, liga o exclave do Naquichevão ao restante Azerbaijão.

⁽¹⁶⁾ zona-tampão; zona de separação (en: *area of separation; buffer zone*)

Zona entre a linha de frente de duas partes, na qual foi acordado não destacar forças militares e que pode ser colocada sob o controlo de uma operação de manutenção da paz. <https://iate.europa.eu/entry/result/932818/pt-en-fr>.

ar	pt		en		IATE
القوات المسلحة العربية السورية	Forças Armadas Árabes Sírias†	FAAS	Syrian Arab Armed Forces	SAAF	
الجيش العربي السوري	Exército Árabe Sírio†	EAS	Syrian Arab Army	SAA	3571646
قوات الدفاع الوطني	Forças de Defesa Nacional†	FDN	National Defence Forces	NDF	
حزب الله	Partido de Alá; Hezbollah		Hezbollah		922351
القوات المسلحة السورية	Forças Armadas Sírias	FAS	Syrian Armed Forces	SAF	
جبهة النصرة لأهل الشام	Frente da Vitória do Povo do Levante†	FVPL	Jabhat Nusrat Ahl al-Sham; An-Nusra Front		3557337
هيئة تحرير الشام	Organização de Libertação do Levante†	OLL	Hay'at Tahrir al-Sham	HTS	3571930
قوات سوريا الديمقراطية Hêzên Sûriya Demokratîk (HSD)	Forças Democráticas Sírias (curdos)	FDS	Syrian Democratic Forces	SDF	3566960
Yekîneyên Parastina Gel (YPG)	Unidades de Proteção do Povo (curdos)	UPP	People's Defense Units	YPG	3566957
الدولة الإسلامية؛ الدولة الإسلامية في العراق والشام؛ داعش	Estado Islâmico; Estado Islâmico do Iraque e do Levante; Daexe	EI EIIL	Islamic State; Islamic State in Iraq and the Levant; Daesh	IS ISIL ISIS	3550620
غرفة العمليات الجنوبية	Sala de Operações do Sul	SOS	Southern Operations Room	SOR	
الجيش الوطني السوري	Exército Nacional Sírio (pró-turco)	ENS	Syrian National Army	SNA	
Türk Silahlı Kuvvetleri (TSK)	Forças Armadas Turcas	FAT	Turkish Armed Forces	TAF	
الجيش السوري الحر	Exército Sírio Livre (pró-americano)	ESL	Free Syrian Army	FSA	3564112
United States Armed Forces (USAF)	Forças Armadas dos Estados Unidos	FAEU	United States Armed Forces	USAF	
צְבָא הַהֲגָנָה לִיְשָׁרָאֵל (צה"ל)	Forças de Defesa de Israel	FDI	Israel Defense Forces	IDF	170409
United Nations Disengagement Observer Force (UNDOF)	Força das Nações Unidas de Observação da Separação	FNUOS	United Nations Disengagement Observer Force	UNDOF	871908

† — já extinto

Grupos religiosos e étnicos

Na Síria, os muçulmanos **sunitas** representam cerca de três quartos da população, sendo os muçulmanos **xiitas** cerca de um sexto. Os xiitas incluem os **alauitas**⁽¹⁷⁾ (grupo etnorreligioso das províncias litorais sírias, também conhecidos como nusairitas) e os **ismailitas**⁽¹⁸⁾. Existe ainda uma minoria de **alevitas**

⁽¹⁷⁾ A base terminológica IATE refere simultaneamente «alauita» e «alevita» numa única ficha (IATE 883708), <https://iate.europa.eu/entry/result/883708/pt>.

⁽¹⁸⁾ A grafia «ismaelita», a única registada em vários dicionários, remete para Ismael (do hebraico Ȳšmā' ē'l), filho de Abraão e da escrava Agar, ou seja, remete para os árabes, enquanto descendentes de Ismael. A grafia «ismailita», remete para Ismail (do árabe 'Ismā' īl), filho do sexto imame xiita, ou seja, remete para os seguidores de um ramo do xiismo — o ismailismo (e

turcomanos.

O **alauísmo** é um ramo do xiismo, fundado no século IX, assente na deificação de Ali, genro de Maomé e quarto califa.

O **ismailismo** é também um ramo do xiismo, fundado no século VIII pelos seguidores de Ismail, filho do sexto imame xiita. A sede mundial do **Imamado Ismailita** está em Lisboa, sendo Agacão V o atual imame.

O **alevismo** é um ramo heterodoxo do xiismo, fundado no século XIII.

A comunidade **cristã** da Síria é das mais antigas do mundo. Antes da guerra civil, os cristãos representavam 10% da população síria, sendo atualmente bastante menos. Estavam concentrados em certos bairros de Alepo e de Damasco e no vale dos Cristãos, em Hómece. Em grandes linhas, as igrejas sírias podem dividir-se em **ortodoxas, católicas** (uniatas) e **nestorianas**. As igrejas ortodoxas são as que contam maior número de fiéis. Entre as línguas litúrgicas conta-se o aramaico, o siríaco, o grego, o árabe e o arménio.

Igrejas ortodoxas

- igreja ortodoxa grega de Antioquia
- igreja ortodoxa siríaca — igreja jacobita
- igreja apostólica arménia

Igrejas católicas orientais

autónomas (*sui iuris*) **uniatas** de:

- rito arménio: igreja católica arménia
- rito bizantino: igreja católica greco-melquita
- rito siríaco ocidental: igreja maronita; igreja católica siríaca

Igreja assíria do Oriente

nestoriana

Estão presentes na Síria outras religiões monoteístas, associadas a grupos etnorreligiosos, como os **drusos**, os **mandeus** e os **iaziditas**⁽¹⁹⁾.

O **drusismo**, embora sendo uma religião abraâmica com origem no ismailismo, não se considera religião islâmica. Os drusos estão sobretudo presentes no sudoeste da Síria.

O **mandeísmo** é uma religião abraâmica autónoma, que valoriza a fertilidade e o batismo. Os mandeus estão presentes no nordeste da Síria.

O **iazidismo** é uma religião iraniana, não abraâmica. Os iaziditas estão presentes no nordeste da Síria.

pt		en		IATE
muçulmanos		Muslims		
sunitas	sunismo	Sunnis	Sunnism	896055
xiitas	xiismo	Shia Muslims Shiites	Shia Islam Shiism	766353
alauitas	alauísmo	Alawi	Alawism	
ismailitas	ismailismo	Ismaili	Ismailism	
alevitas	alevismo	Alevi	Alevism	
cristãos		Christians		
maronitas	maronismo	Maronites	Maronism	
melquitas	melquítismo	Melkites	Melkitism	
católicos siríacos	catolicismo	Catholics	Catholicism	
católicos arménios				
ortodoxos siríacos	ortodoxismo	Orthodoxes	Orthodoxism	
ortodoxos arménios				
outros				
drusos	drusismo	Druzes	Druzism	
mandeus	mandeísmo	Mandaeans	Mandaism	
iaziditas	iazidismo	Yazidis	Yazidism	915079

não ismaelismo) — praticado por árabes e não árabes, e está alinhado com o sinónimo «ismaili» (exemplo: **Centro Ismaili**, Lisboa, <https://the.ismaili/pt/pt/spaces/ismaili-centre-lisbon>).

⁽¹⁹⁾ O termo «iazidita» está em linha com alauita, ismailita, alevita, etc.

A atual Síria é um Estado de maioria **árabe** (muçulmana e cristã). Embora árabes, os alauitas e os drusos são, por vezes, considerados grupos etnorreligiosos à parte. Também os beduínos, árabes nómadas, são, por vezes, individualizados.

Resultado da história e da geografia, estão também presentes outras etnias **não árabes**, nomeadamente:

- **curdos**, no nordeste da Síria e alguns bairros de Alepo; sunitas, com uma minoria iazidita
- **turcomanos**, etnia túrquica no noroeste da Síria; sunitas, com uma minoria alevita
- **circassianos**, etnia caucasiana no sudoeste da Síria; sunitas
- **assírios**, no extremo nordeste da Síria; cristãos
- **arménios**, sobretudo na região de Alepo; cristãos
- etc.

Com a guerra civil, muitas pessoas das minorias étnicas e/ou religiosas morreram ou tiveram de abandonar a Síria, engrossando o número de refugiados da grande crise migratória de 2015 no Mediterrâneo Oriental.

É interessante relembrar que, na sequência do colapso do Império Otomano, a Sociedade das Nações criou o **mandato francês da Síria e do Líbano** e que nesse território foram criados vários estados confessionais. Um deles, o **Grande Líbano**, à altura de maioria cristã, deu origem à atual República Libanesa. O **Estado dos Alauitas**, de maioria alauita, correspondia às atuais províncias de Latáquia e Tartuce e regiões adjacentes. O **Estado dos Montes Drusos**, de maioria drusa, correspondia à atual província de Sueida e regiões adjacentes. O **Estado de Damasco**, de larga maioria sunita, mas multiconfessional, correspondia às atuais províncias de Hamá, Hómece, Damasco, Damasco Rural, Cuneitra e Dará. O **Estado de Alepo**, de larga maioria sunita, mas multiétnico e multiconfessional, correspondia às atuais províncias de Idlibe, Alepo, Raca, Haçaca e Deir Ezor. O **Sanjaco de Alexandreia** foi reintegrado, em 1939, na Turquia (atual província de Hatai). Verifica-se, assim, que as fronteiras internas do mandato francês da Síria, pós-1920, reaparecem, em boa medida, refletidas nas atuais linhas de tensão.

correiapms@gmail.com



Irão — apontamentos para ficha de país

Paulo Correia

Antigo funcionário da Direção-Geral da Tradução — Comissão Europeia

[Com a colaboração de Nuno Raposo, antigo funcionário da Direção-Geral da Tradução — Comissão Europeia]

Esdras 1:1-4

1 No primeiro ano em que Ciro reinou na **Pérsia**, o SENHOR cumpriu o que tinha anunciado pela boca do profeta Jeremias. Inspriou Ciro a publicar um decreto que foi dado a conhecer de viva voz e por escrito em toda a parte do seu império. ² Dizia o seguinte: «Ciro, **rei da Pérsia**, declara: “O SENHOR, Deus do céu, deu-me todos os reinos da terra, e encarregou-me de lhe reconstruir o templo em Jerusalém, cidade situada na Judeia. ³ Que Deus esteja com todos os meus súbditos que pertencem ao seu povo e que adoram este Deus! Que voltem a Jerusalém para lá reconstruírem o templo do SENHOR, Deus de Israel, o Deus que ali é adorado. ⁴ E todos os judeus do meu reino que quiserem regressar, devem ser ajudados pelos habitantes das localidades onde se encontram com prata, ouro, gado e tudo o mais que for preciso e bem assim com ofertas voluntárias para o templo de Deus, em Jerusalém.”»⁽¹⁾

Nesta ficha de país, reúne-se informação terminológica, sobretudo toponímica, etnonímica e glossonímica, relativa ao Irão, a qual se encontra dispersa por vários documentos normativos ou de referência das instituições europeias. São apresentadas propostas de aportuguesamento, devidamente justificadas, por oposição à simples reprodução de transliterações inglesas (ou francesas) comum em muitas traduções.

Irão ou Pérsia?

Pérsia é um exónimo, que terá origem no topónimo grego Περσίς, helenização do nome da região iraniana de Parsa, utilizado para designar todo o império iraniano⁽²⁾ dos Aqueménidas, fundado por Ciro, o Grande, em 550 a.C., que havia suplantado o império medo. Em Parsa, epicentro do império aqueménida, ficavam Parságada (ou Pasárgadas), primeira capital do império, e **Persépolis** (exónimo), mandada construir em 512 a.C. por Dario I e arrasada por Alexandre, o Grande, em 330 a.C. Parsa corresponde à atual província iraniana de Fars, com capital em Xiraz⁽³⁾. Tendo o Antigo Testamento sido escrito nesta época, é Pérsia (پرسی) e não Irão (ایران) que aí aparece.

No Ocidente manteve-se o uso do topónimo Pérsia, mesmo que os iranianos já há muito tempo, pelo menos desde os sassânidas, tivessem começado a usar Irān (Irão) — etimologicamente, Terra dos Arianos, Aryānām, que evoluiu para Aryān e Irān (ایران, no atual alfabeto persa). Continuou a ser conhecido como Pérsia o Império dos Iranianos, do tempo dos sassânidas, o Domínio Protegido do Irão, desde os safávidas até aos cajares, o Estado Imperial do Irão, dos palávís.

پرسی

مملکت مهروسه ایران

کشور شاهنشاهی ایران

Ērānšahr

Mamālek-e Mahruse-ye Irān

Kešvar-e Šāhanšāhi-ye Irān

Império dos Iranianos

Domínio Protegido do Irão

Estado Imperial do Irão

Nos relatos de viajantes portugueses dos séculos XVI e XVII, como António Tenreiro⁽⁴⁾ (*Itinerário da Índia por Terra a Este Reino de Portugal*) e Frei Gaspar de São Bernardino⁽⁵⁾ (*Itinerário da Índia por Terra até à Ilha de Chipre*), nada consta de Irão, apenas Pérsia. Segundo José Pedro Machado, no seu

⁽¹⁾ A *Bíblia para Todos*, Edição Católica, LBE — Loja da Bíblia Editorial, Lda., 2009, ISBN 978-989-087-0.

⁽²⁾ Fenómeno idêntico a Inglaterra por Reino Unido ou Holanda por Países Baixos.

⁽³⁾ Segundo algumas correntes, o topónimo Xiraz está associado à casta tinta *syrah* (ou *shiraz*), apta à produção de vinho em Portugal, muito utilizada nos vinhos australianos.

⁽⁴⁾ Tenreiro, A., *Itinerário da Índia por Terra a Este Reino de Portugal*, Livros de Bordo, junho de 2020, ISBN 978-989-54554-1-6.

⁽⁵⁾ São Bernardino, G. de, *Itinerário da Índia por Terra até à Ilha de Chipre*, Agência Geral do Ultramar, Divisão de Publicações e Biblioteca, Lisboa, 1953.

Dicionário Onomástico Etimológico da Língua Portuguesa⁽⁶⁾, o topónimo Irão é usado entre nós apenas desde 1935, data em que o imperador Reza Xá solicitou aos outros países que passassem a referir-se ao país como Irão e não como Pérsia. O Estado Imperial da Pérsia passaria, assim, a Estado Imperial do Irão. Porém, o uso incontestado entre nós do topónimo Irão em vez de Pérsia deu-se, no pós-1979, com a República Islâmica do Irão. O caráter recente da introdução do topónimo é também atestado pela diferença entre as normas portuguesa (Irão) e brasileira (Irã).

جمهوری اسلامی ایران

Jomhuri-ye Eslāmi-ye Irān

República Islâmica do Irão

Em português, o termo «iraniano» (fa: ایرانی), variante «irânico», será um pouco anterior, datando do século XIX. Segundo o *Dicionário Houaiss*⁽⁷⁾, «iraniano» terá aparecido pela primeira vez em 1877 numa tradução d'*A Oração da Coroa*, de Demóstenes⁽⁸⁾. No entanto, dicionários mais antigos, como o Aulete de 1881⁽⁹⁾, ainda não incluem a palavra «iraniano» (via o francês *iranien*). Significado atual:

- relativo ou pertencente ao Irão, mais especificamente à República Islâmica do Irão;
- natural ou habitante do Irão, mais especificamente da República Islâmica do Irão;
- Ling. relativo a ou subgrupo de línguas indo-europeias do ramo indo-iraniano.

Atualmente, o termo «persa» (la: *persa-*), variante «pérsico», «persiano», «pérsico», «pérsio», tem o seguinte significado:

- relativo ou pertencente à Pérsia, mais especificamente à Pérsia pré-República Islâmica do Irão;
- natural ou habitante do Irão, mais especificamente da Pérsia pré-República Islâmica do Irão;
- Ling. relativo a ou língua oficial do Irão, pertencente ao subgrupo iraniano de línguas indo-europeias do ramo indo-iraniano.

O termo «farsi» (fa: فارسی), variante «fársi», é apenas registado nos dicionários Porto Editora⁽¹⁰⁾ e Priberam⁽¹¹⁾, indicando que virá do árabe. A Academia da Língua e Literatura Persa recomenda, no entanto, o uso do glossónimo «persa» (aliás a norma ISO 639-2⁽¹²⁾ regista *Persian*, e não *Farsi*). Significado atual:

- Ling. relativo a ou língua oficial do Irão, pertencente ao subgrupo iraniano de línguas indo-europeias do ramo indo-iraniano.

A mudança fonémica do /p/ de «parsi» para o /f/ de «farsi» ficará a dever-se à influência do árabe sobre o persa durante o período da islamização da Pérsia, pois o árabe não tem o som /p/⁽¹³⁾. Apesar disso, o persa mantém sons que não existem no árabe, entre os quais o som /p/, o que levou à necessidade de adaptar o alfabeto árabe, entretanto adotado pelo persa, acrescentando quatro letras às 28 do alfabeto árabe.

⁽⁶⁾ Machado, J. P., *Dicionário Onomástico Etimológico da Língua Portuguesa*, Livros Horizonte, 3.ª edição, 2003, ISBN 972-24-0842-9.

⁽⁷⁾ Houaiss, A., *Grande Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa*, Temas & Debates, Lisboa, 2003, ISBN 972-759-664-9.

⁽⁸⁾ Coelho, J. M. L., *Demosthenes: A Oração da Coroa — Versão do Original Grego Precedida de Um Estudo sobre a Civilização da Grécia*, Academia Real das Ciências de Lisboa, Imprensa Nacional, 1881, <https://archive.org/details/aoraodacoraoapre00demogoo/page/n2/mode/2up>.

⁽⁹⁾ Aulete, F. J. C., Valente, A. L. dos S., *Dicionário Contemporâneo da Língua Portuguesa: Feito sobre Um Plano Inteiramente Novo*, 2 vol., Lisboa, 1881.

⁽¹⁰⁾ Porto Editora, *Infopédia: Dicionário da Língua Portuguesa: farsi*, <https://dicionario.priberam.org/farsi>.

⁽¹¹⁾ Priberam, *Dicionário Priberam da Língua Portuguesa: farsi*, <https://www.infopedia.pt/dicionarios/lingua-portuguesa/farsi>.

⁽¹²⁾ Organização Internacional de Normalização, *ISO 639-2:1998 (en): Codes for the representation of names of languages — Part 2: Alpha-3 code*, <https://www.iso.org/obp/ui/#iso:std:iso:639:-2:ed-1:v1:en>.

⁽¹³⁾ Noutros contextos de contacto com o árabe, como é o caso português, o som /p/ é substituído por /b/. Portugal é algo como (al)Burtugal (البرتغال) em árabe, sendo Purtugal (پرتغال) em persa. De forma idêntica, Paris é algo como Baris (باریس) em árabe, sendo Paris (پاریس) em persa.

Analizando, por exemplo, a toponímia portuguesa com origem no árabe, verifica-se em inúmeros casos o processo inverso, a substituição do som /b/ pelo som /p/: Alpiarça, Alpedrinha, Alpriate, etc. Noutros casos, porém, manteve-se o som /b/: Albarquel, Albarraque, Albufeira, etc.

som	ONU ⁽¹⁴⁾	pt	en	isolado	inicial	médio	final
/p/	p	p	p	پ	پ	پ	پ
/tʃ/	č	ch	ch	چ	چ	چ	چ
/ʒ/	ž	j	zh	ژ	ژ	ژ	ژ
/g/	g	g(u)	g	گ	گ	گ	گ

Outros termos com etimologia semelhante e registados nos dicionários: parsismo, associado ao zoroastrismo (antiga religião da Pérsia); parse, parsiano e parsano, associados a povo com origem na antiga Pérsia.

REPÚBLICA ISLÂMICA DO IRÃO (IATE: 861074)

CAPITAL: Teerão

GENTÍLICO/ADJETIVO: iraniano(s)/iraniana(s)

MOEDA: rial iraniano

SUBDIVISÃO: dinar

Principais cidades:	Teerão, Mexede, Ispaão, Caraje, Tabriz, Xiraz, Avaz, Cume
Serras:	Zagros (monte Dena, 4409 m), Alborze (monte Damavande, 5609 m), Copetedague (monte Cuchã, 3191 m)
Rios:	Xatalárate, Carum, Araxes, Sefide, Haraz
Lagos:	Úrmia
Desertos:	Grande Deserto Salgado, Lute
Mares:	Pérsico (golfo); Cáspio (mar); Omã (golfo de)
Ilhas:	Queixome ⁽¹⁵⁾ , Ormuz, Laraque, Abu Muça, Forur, Sirri, Quixe, Cargue ⁽¹⁶⁾

Subdivisões administrativas

#	fa		pt	en	IATE
31	استان	ostān	província	province	3641132
483	شهرستان	šahrestān	distrito	county	
	بخش	baxš	subdistrito	district	
	شهر	šahr	cidade	city	
	دهستان	dehestān	autarquia rural	rural district	

Províncias do Irão

Algumas das atuais 31 províncias iranianas aparecem referidas nos relatos de viagens de portugueses dos séculos XVI e XVII e/ou estão registadas em obras de referência.

	fa		pt	en
IR-00	مرکزی	Merkezi	Marcazi ⁽¹⁷⁾	Markazi
IR-01	گیلان	Gilān	Guilão ⁽¹⁸⁾	Gilan
IR-02	مازندران	Māzandarān	Mazandarão	Mazandaran
IR-03	آذربایجان شرقی	Āzārbāyjān-e Šarqi	Azerbaijão Oriental	East Azerbaijan
IR-04	آذربایجان غربی	Āzārbāyjān-e Qarbi	Azerbaijão Ocidental	West Azerbaijan

⁽¹⁴⁾ Organização das Nações Unidas, *Report on the Current Status of United Nations Romanization Systems for Geographical Names — Persian*, 2013, https://unstats.un.org/unsd/ungegn/working_groups/wg5/documents/wgrr4persian.pdf.

⁽¹⁵⁾ Queixome, ilha de – Kishm (Qishm ou Jerizar-at-Tawila), ilha situada no golfo Pérsico. Situada em 26°58'N, 56°14'E. Lagoa, (Visconde de), *Glossário Toponímico da Antiga Historiografia Portuguesa Ultramarina: Q*, Centro de Humanidades (CHAM), https://cham.fcsh.unl.pt/gyl/glossario_visconde_lagoa.htm#Q.

⁽¹⁶⁾ Cargue, ilha – Karag (também Jerizat Kharg), ilha situada no golfo Pérsico. Situada em 29°15'N, 50°19'E.

Lagoa, *op. cit.*; C, https://cham.fcsh.unl.pt/gyl/glossario_visconde_lagoa.htm#C.

⁽¹⁷⁾ Marcazi, literalmente, «central».

⁽¹⁸⁾ Guilão. Tenreiro, *op. cit.*, regista também as variantes Gilam, Guilam.

IR-05	کرمانشاه	Karmānshāh	Quermanxá ⁽¹⁹⁾	Kermanshah
IR-06	خوزستان	Khuzestān	Cuzistão ⁽²⁰⁾	Khuzestan
IR-07	فارس	Fārs	Farse ⁽²¹⁾	Fars
IR-08	کرمان	Kermān	Quermão ⁽²²⁾	Kerman
IR-09	خراسان رضوی	Xorāsān-e Razavi	Coraçone Razavi ⁽²³⁾	Razavi Khorasan
IR-10	اصفهان	Esfahān	Ispaão ⁽²⁴⁾	Isfahan
IR-11	سیستان و بلوچستان	Sīstān wa Balūčestān	Sistão e Balochistão ⁽²⁵⁾	Sistan and Baluchestan
IR-12	کردستان	Kordestān	Curdistão	Kurdistan
IR-13	همدان	Hamadā	Hamadão ⁽²⁶⁾	Hamadan
IR-14	چهارمحال و بختیاری	Čahārmahāl va Baxtiāri	Chaarmaal e Bactiari ⁽²⁷⁾	Chaharmahal and Bakhtiari
IR-15	لرستان	Lorestān	Luristão ⁽²⁸⁾	Lorestan
IR-16	ایلام	Īlām	Ilame	Ilam
IR-17	کهگیلویه و بویراحمد	Kohgīlūya va Boir-Ahmad	Coguilui e Boieramade ⁽²⁹⁾	Kohgiluyeh and Boyer-Ahmad
IR-18	بوشهر	Būšehr	Buxer	Bushehr
IR-19	زنجان	Zanjān	Zanjão	Zanjan
IR-20	سمنان	Semnān	Semnão	Semnan
IR-21	بزد	Yazd	Iasde ⁽³⁰⁾	Yazd
IR-22	هرمزگان	Hormozgān	Ormuspão ⁽³¹⁾	Hormozgan
IR-23	تهران	Tehrān	Teerão	Tehran
IR-24	اردبیل	Ardabil	Ardabil ⁽³²⁾	Ardabil
IR-25	قم	Qom	Cume ⁽³³⁾	Qom
IR-26	قزوین	Qazvin	Casvím ⁽³⁴⁾	Qazvin
IR-27	گلستان	Golestān	Gulistão ⁽³⁵⁾	Golestan

(19) **Quermanxá**, literalmente, «rei de Quermão».

(20) Anteriormente Arabistão, dado, historicamente, ser região habitada sobretudo por árabes.

(21) A *Lello Universal* regista Farsistão.

Lello, J., Lello, E., *Lello Universal: Dicionário Enciclopédico Luso-Brasileiro*, Lello & Irmão, Porto, 1992, ISBN 972-48-0005-9.

(22) **Quermão**. Cf. Quermanxá. Carmânia — forma registada por Machado, *op. cit.*

(23) **Coraçone** — São Bernardino, *op. cit.* e Machado, *op. cit.*, que reconhece também Coração.

Ver também Correia, P., «Coraçone, d'As Mil e Uma Noites ao Estado Islâmico», «a folha», n.º 66 — verão de 2021, https://ec.europa.eu/translation/portuguese/magazine/documents/folha66_pt.pdf.

Razavi, por referência ao oitavo imā xiita, Ali Raza (ou Ali Reza), morto e sepultado em Mexede, capital de Coraçone, onde foi erigido um mausoléu e santuário, local de peregrinação.

(24) **Ispaão** é a forma registada na *Lello Universal* e em Machado, *op. cit.*

As formas com «p» — Ispaão, Espaão, Espão ou Aspão —, mais próximas do persa médio, ocorrem nos relatos de viajantes portugueses dos séculos XVI e XVII. As formas com «f» — Isfaão ou Isfão — decorrerão do persa moderno. A cidade de Ispaão foi capital do Irão de 1598 a 1736.

(25) **Sistão**, deriva de Saquistão — terra dos sacas.

Balochistão é a forma registada na *Lello Universal* e em Machado, *op. cit.*, que reconhece também Beluchistão.

Ver também Correia, P., «Duxambé, Chechénia e os estados Xâ e Chim», «a folha», n.º 59 — primavera de 2019, https://ec.europa.eu/translation/portuguese/magazine/documents/folha59_pt.pdf

(26) **Hamadão**. A *Lello Universal* e Machado, *op. cit.* registam Hamadā.

(27) Nome composto, com referência ao nome de um povo (Chaarmaal) e de uma tribo local (Bactiari).

(28) **Luristão** — Terra dos luros. Assim, parece preferível às formas Lurestão ou Lorestão. Cf. Cuzistão, Sistão, Balochistão, Curdistão e Gulistão.

(29) Nome composto, com referência ao nome de uma montanha (Coguilui) e de uma tribo local (Boieramade).

(30) **Iasde** evita a sequência zd, inexistente em português (exceto mazdeísmo, por decalque de *mazdéisme*, variante de masdeísmo).

(31) De Ormuz. Ormusgão para evitar a sequência zg, inexistente em português.

(32) António Tenreiro (*op. cit.*) regista Ardivil.

(33) António Tenreiro (*op. cit.*) refere Cum e São Bernardino, *op. cit.* Com.

(34) **Casvím** para evitar a sequência «zv», inexistente em português. Casbim, em São Bernardino, *op. cit.*

A cidade de Casvím foi capital do Irão na segunda metade do século XVI.

(35) **Gulistão** — Terra das Rosas. Machado, *op. cit.* regista Gulistā.

IR-28	خراسان شمالی	Xorāsān-e Šomāli	Coraçone do Norte	North Khorasan
IR-29	خراسان جنوبی	Xorāsān-e Jonubi	Coraçone do Sul	South Khorasan
IR-30	البرز	Alborz	Alborze⁽³⁶⁾	Alborz

Notas:

- 1 — Aportuguesamento dos topónimos terminados em «ـان/-ān» com a terminação «-ão» e não «-ā». Guilão, Mazandarão, Azerbaijão, Cuzistão, Quermão, Ispaão, Sistão, Balochistão, Curdistão, Hamadão, Luristão, Semnão, Ormusgão, Teerão, Gulistão. Exceção notável: Coraçone, atestado por várias fontes dos séculos XVI e XVII e por fontes atuais, como o *Dicionário Onomástico Etimológico da Língua Portuguesa*.
- 2 — No aportuguesamento dos topónimos terminados em «ـستان/-stān» utilizar-se-á a terminação «-istão» e não «-estão». Cuzistão (Cuzo + -istão), Balochistão (Baloche + -istão), Luristão (Luro + -istão), Gulistão (gul- + -istão).
- 3 — Aportuguesamento dos topónimos terminados em «ــ/-ــ» com a terminação «-me» e não «-m», para evitar a nasalização da vogal precedente. Cume, Ilame (e não, Cum ou Ilam).
- 4 — Evitar-se-ão sequências consonânticas inexistentes na ortografia do português, como «zd», «zg» ou «zv», substituídas por «sd», «sg» e «sv» em Iasde, Ormusgão ou Casvim.
- 5 — Aportuguesamentos alternativos podem ser consultados no *Glossário Toponímico da Antiga Historiografia Portuguesa Ultramarina*, do Visconde de Lagoa⁽³⁷⁾.

Etnias e línguas

O Irão é um Estado multiétnico, sendo os **persas** o grupo maioritário, seguido dos azeris, dos curdos, dos luros, dos guilaquis e mazandaranis, dos árabes, dos baloches e dos turquemenos. E ainda dos casgais⁽³⁸⁾, dos talixes ou dos brauís. Os persas concentram-se no planalto iraniano. As etnias não persas concentram-se nos limites noroeste (azeris e curdos), sudoeste (luros, árabes e casgais), sudeste (baloches e brauís), nordeste (curdos e turquemenos) e no litoral cáspio (talixes, guilaquis e mazandaranis).

O **xiísmo** é a religião de Estado da República Islâmica do Irão, mas há também populações sunitas (sobretudo em etnias não persas), além de outras religiões abraâmicas e mesmo zoroastristas (religião iraniana pré-islâmica).

O **persa** (fa), língua do ramo iraniano das línguas indo-europeias, é a língua maioritária e a única oficial da República Islâmica do Irão. No entanto, ao nível regional, o persa contemporâneo convive com outras línguas, de que se destacam, pelo número de falantes, o azeri e o curdo.

Ao **persa antigo** (do tempo dos aqueménidas) e ao **persa médio**⁽³⁹⁾ (do tempo dos sassânidas) sucedeu o **persa moderno**, posterior à islamização da Pérsia, que inclui, entre os séculos X e XVIII, o designado **persa clássico**. O persa clássico foi língua de prestígio, língua de literatura⁽⁴⁰⁾ e língua franca nas partes orientais do mundo islâmico⁽⁴¹⁾, até ser suplantado pelo inglês no século XIX. O persa clássico foi língua da administração num espaço geográfico que ia do Domínio Protegido do Irão ao império mogor. Foi com o persa clássico que os portugueses contactaram, na época da expansão no Índico, coincidente com a época dos safávidas.

«Poeta e escritor persa, Saadi de Xiraz nasceu em 1210 na cidade de Xiraz. É considerado um dos maiores mestres da literatura clássica. *Gulistão* (O Jardim das Rosas) e *Bustão* (O Pomar) são as suas maiores obras e influenciam desde há séculos todos aqueles que chegam às suas palavras. Viajou pelo mundo conhecido de então: China, Índia, Marrocos, Turquia e Abissínia foram alguns dos seus destinos. Faleceu na mesma cidade onde nasceu, estima-se que entre 1291 e 1294.»

Wook, *Saadi de Xiraz*, <https://www.wook.pt/autor/saadi-de-xiraz/5193208>.

⁽³⁶⁾ **Alborze** é igualmente nome de cadeia montanhosa do norte do Irão, ao longo do litoral sul do mar Cáspio. A *Lello Universal* regista Elburz. Não confundir com o **monte Elbruz** (5642m), no Cáucaso. Elbruz é a forma registada por Machado, *op. cit.*; já a *Lello Universal* regista Elbrus.

⁽³⁷⁾ Lagoa, (Visconde de), *Glossário Toponímico da Antiga Historiografia Portuguesa Ultramarina*, Centro de Humanidades (CHAM), https://cham.fcsh.unl.pt/gyl/glossario_visconde_lagoa.htm.

⁽³⁸⁾ Os **casgais** são um povo nómada de língua túrquica. O nome deste povo foi escolhido pela construtora automóvel japonesa Nissan para um modelo de veículo utilitário desportivo compacto, o *Nissan Qashqai*. Nalguns mercados, o modelo foi comercializado como *Nissan Dualis* ou *Nissan Rogue Sport*.

Wikipedia, *Nissan Qashqai*, https://en.wikipedia.org/wiki/Nissan_Qashqai.

⁽³⁹⁾ Língua em que foi compilado o avesta, as escrituras sagradas do zoroastrismo.

⁽⁴⁰⁾ Desta época datam clássicos, como *O Épico dos Reis*, de A. Ferdusi, ou *O Jardim das Rosas*, de S. de Xiraz.

⁽⁴¹⁾ A capital do Brunei, na Insulíndia, é Bandar Seri Begauā, sendo *bandar* «porto» em persa.

Uma marca da influência do persa clássico é a adoção do sufixo persa *-i* (ـ) ⁽⁴²⁾ em muitos adjetivos (de), etnónimos (povo de) e glossónimos (língua de) do Médio Oriente ao Indostão: azeri, farsi, dari, panjabi, hindi, nepali, biari, bengali, etc.

Além do persa, os iranianos falam línguas de diferentes ramos, próprias de cada etnia:

- **iranianas** ou irânicas
 - do sudoeste (persa, luro)
 - do noroeste (curdo, baloche, talixe, guilaqui, mazandarani)
 - **túrquicas** (azerbaijano, casgai, turquemeno)
 - **semitas** (árabe)

Outras línguas minoritárias: circassiano (caucasiana), arménio, georgiano (cartevélica), brauí (dravídica).

As variantes do persa faladas no Afeganistão e no Tajiquistão são, respectivamente, o dari (prs) e o tajique (tg). O pastó, no Afeganistão e no Paquistão, e o osseta, no Cáucaso, são também línguas iranianas.

ISO 639-1	ISO 639-2	ISO 639-3	fa	pt	en	IATE
fa	fas		فارسی	persa	Persian	282206
		bqi lrc luz	لری	luro	Luri	
		tly	تالشی	talixe	Talysh	919914
ku	kur		کوردی	curdo	Kurdish	282228
		glk	گیلکی	guilaqui	Gilaki	
		mzn	مازندرانی	mazandarani	Mazandarani	
	bal		بلوچی	baloche	Balochi	1451552
az	aze		آذربایجانلیلاری	azerbaijano	Azerbaijani	282192
tk	tuk		ترکمنی	turquemeno	Turkmen	1451632
		qxq	قشقایی	casgai	Qashqai	
ar	ara		العربية	árabe	Arabic	282190
		brh	براهوی	brauí	Brahui	

Em súmula

Atualmente, Irão é o nome do país. O termo «iraniano» aplica-se ao Estado, aos seus habitantes e a um ramo de línguas indo-europeias. O termo «persa» aplica-se à etnia ou à língua materna dos persas, a qual é a língua oficial do Estado iraniano.

correiapms@gmail.com

⁽⁴²⁾ «Persian suffix **i** (ی) is a versatile suffix. It can convert a noun into an adjective and vice versa. If the word ends in the vowel **e**, the suffix **i** typically changes to **-gi**. After other vowels, it changes to **-yi**.», Jahanshiri, A., *به فارسی: Suffix ی (i)*, <https://www.jahanshiri.ir/fa/en/suffix-i>.



a folha



Serviço das Publicações
da União Europeia